Revista Brasileira de Educação em Geografia
ISSN 2236-3904



ENTREVISTA COM O PROF. DR. JOSÉ EUSTAQUIO DE SENE: Fotografias e(m) livros didáticos de Geografia

Wenceslao Machado de Oliveira Júnior [1]
wenceslao.oliveira@gmail.com

Elaine dos Santos Soares [2]
elaine.soares@ige.unicamp.br

Eustaquio de Sene é autor de vários livros didáticos de Geografia desde o final da década de 1980. Atualmente é também professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

A transcrição a seguir refere-se a entrevista realizada por Wenceslao Machado de Oliveira Jr e Elaine dos Santos Soares, no dia 16 de abril de 2012, no contexto da pesquisa "Devires imaginativos de fotografias didáticas", a partir de roteiro prévio elaborado pela entrevistadora, à época sob orientação do entrevistador. As marcas deste contexto de pesquisa podem ser notadas nas perguntas. A pesquisa foi finalizada em dezembro de 2012 e encontra-se disponível em http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000867460&opt=1

* * *

[1] Professor Dr. MS 5, Faculdade de Educação - UNICAMP, Doutor em Educação. Av. Bertrand Russell, 801, Cidade Universitária "Zeferino Vaz". Campinas (SP). CEP 13083-865

[2] Acadêmica do curso de graduação em Geografia - Instituto de Geociências - UNICAMP. Rua João Pandiá Calógeras, 51, Cidade Universitária "Zeferino Vaz". Campinas (SP). CEP 13083-870

A entrevista começou antes e terminou depois daquilo que ficou gravado. A eloquência e disponibilidade do entrevistado nos levou a gravar quase duas horas de conversa que só foram atravessadas por um café feito com grãos moídos na hora.

Os entrevistadores, Wenceslao Machado de Oliveira Jr e Elaine dos Santos Soares, procuraram o entrevistado com interesse direto de pesquisa sobre as imagens fotográficas em livros didáticos. Como autor de livros didáticos de Geografia há mais de quinze anos, Eustaquio de Sene abriu as portas de sua casa e de sua experiência para nos receber num agradável fim de tarde paulistano.

Nos falou animadamente de alegrias, incômodos, curiosidades e fatos que se relacionam à autoria de livros didáticos para a Educação Básica brasileira. Deixou clara a centralidade dos verbos mostrar, ilustrar e comparar na escolha das fotografias para compor as obras didáticas em Geografia: "o mais importante é o conteúdo da foto". Após suas palavras, diríamos que as fotografias que estão em seus livros foram escolhidas por estarem embebidas na realidade geográfica que se pretende levar a conhecer, sobretudo, a partir do texto escrito: "de fato, a imagem acaba vindo a reboque do texto". Mas se lembrou de situações em que isto não foi bem assim quando elaborava uma de suas coleções.

Nas páginas que se seguem, leremos este pesquisador da área de Educação para falar de muitos assuntos, alguns dos quais listamos a seguir, mais ou menos na ordem em que apareceram ao longo da entrevista:

- da prioridade dos conteúdos em relação à estética das fotografias em livros didáticos de Geografia;
- do processo de escolha das fotografias em subordinação ao texto escrito e sob a mediação do setor iconográfico da editora;
- da padronização dos tipos e dos conteúdos das fotografias devido à vulgata da geografia escolar;
- da pressão dos professores por livros didáticos que sigam esta vulgata disciplinar;
- da pouca presença da África nas fotografias;
- da exclusão do fotógrafo das fotografias e do espaço fotografado;
- das legendas das imagens presentes em livros didáticos;
- de referências teóricas e de pesquisa em Educação;
- da abertura na avaliação do PNLD e da busca de um currículo nacional via ENEM;

- do distanciamento entre universidade e escola e do preconceito acadêmico contra o livro didático;
- da criatividade dos professores no uso dos livros didáticos;
- da ampliação da qualidade e do cuidado com as fotografias nos livros mais recentes;
- da importância da diversidade das fotografias que compõem seus livros;
- da relação entre formação de professores, livros didáticos e melhores escolas.

O encerramento da entrevista se deu de modo abrupto. É verdade que todas as perguntas listadas no roteiro inicial já haviam sido respondidas e expandidas, mas a entonação apaixonada da voz indicava que as palavras brotavam dele provenientes de afetos bem mais intensos que a dedicação laboral, enredando-nos em caminhos tão imprevistos quanto instigantes. Assim, após quase duas horas de conversa – já era noite – o entusiasmo e a perspicácia do entrevistado permaneciam os mesmos. Interrompemos unilateralmente a gravação e as perguntas, pois, caso contrário, passaríamos a noite ali, a inventar questões, a puxar mais um fio daquele novelo só para poder continuar a ouvir mais e mais.

Encerramos a gravação e caminhamos até um restaurante das imediações de seu apartamento, próximo da Universidade de São Paulo. Em meio ao vinho que se seguiu na noite fresca, ouvimos outras interessantes ideias acerca da Educação, da universidade e dos livros didáticos de Geografia. Mas o leitor terá que imaginá-las...

A entrevista foi realizada no dia dezessete de abril de 2012. A gravação em áudio foi transcrita pela entrevistadora Elaine dos Santos Soares e utilizada na finalização de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia, intitulado "Devires imaginativos de fotografias didáticas"[3], na Universidade Estadual de Campinas.

A transcrição foi revista pelos entrevistadores e pelo entrevistado para formatá-la para a leitura e, com poucas alterações e supressões, chegou a esta versão agora publicada.

* * *

[3] Biblioteca Digital da Unicamp. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000867460&opt=1>. Acesso em: 29 maio 2013.

Wenceslao: Eustaquio, você estava falando que acabou de fazer a seleção de fotografias para uma nova coleção. Como foi isso?

Eustaquio: Exato. Só respondendo aquela questão anterior, a gente busca sempre colocar as imagens mais recentes, até porque hoje nós fazemos livros para serem usados daqui a muito tempo. Por exemplo, agora estamos fazendo a seleção de imagens para o PNLD de 2014. Isso vai ser usado pelos alunos em 2014. Então é importante que a gente selecione imagens as mais recentes possíveis. Você quer saber como funciona o processo?

Wenceslao: Isso. Essa era nossa primeira pergunta.

Elaine: Como você escolheu as imagens dos seus livros? De que maneira você fez essa escolha?

Eustaquio: Vou contar como é o processo todo. Eu faço um pedido. Quando estou escrevendo o original decido, por uma série de razões, que aqui, nessa página, nesse trecho, quero uma foto tal de algum lugar.

Wenceslao: Qual é o nível de detalhamento disso? Dessa foto que você escolhe? Depende? Varia muito?

Eustaquio: Varia muito, mas eu faço uma descrição sumária. Eu quero uma foto assim e faço uma pequena descrição dela. Quando o livro está entrando em fase de produção, esses pedidos todos, com a respectiva descrição, são encaminhados para a iconografia. Então eles fazem uma pesquisa com base nessa descrição e me mandam varias opções de fotos. Dependendo do tema chegam a me mandar dez imagens diferentes. Às vezes, quando é algo mais difícil, não conseguem encontrar. Ou então me mandam uma só, duas, mas dependendo do tema me mandam muitas opções. Aí escolho o que acho mais interessante considerando uma série de variáveis. O critério estético é importante. Às vezes ele até se sobrepõe, quando é, por exemplo, foto de abertura de unidade. Nesse último livro, nós criamos uma abertura de unidade de página dupla, colocamos uma foto pegando duas páginas. Tem que ser uma foto bonita, uma foto impactante... Então vai depender muito, mas de forma geral o mais importante é o conteúdo da foto. A estética não vem em primeiro lugar. Na verdade, é difícil dizer o que vem primeiro, mas o mais importante, em primeiro lugar é o conteúdo. A mensagem que a foto vai transmitir e de forma atrelada ao texto também, porque a gente procura fazer a imagem atrelada ao texto. Uso muito o recurso da legenda. Exploro bastante a legenda externa. É isso. Agora, quando a questão estética ganha uma importância maior, eventualmente a gente pode

priorizar isso. Aconteceu, por exemplo, de eu selecionar uma imagem que tinha um conteúdo que naquele caso era importante para exemplificar. Precisava mostrar um bairro de classe média de Paris, inclusive para o aluno comparar com outra que estava em outro trecho do capítulo em que apareciam pessoas pobres em Paris (Esta era para mostrar que Paris não é só o lado glamoroso, bonito e turístico; tem pobreza também, inclusive favela). Então, eu selecionei uma foto. A editora assistente, que estava acompanhando o livro, me mandou um e-mail dizendo: "Eustaquio, essa imagem achei muito fechada, será que não poderia ser a outra?" E me deu uma opção. Então expliquei para ela: nesse caso aqui precisaria ser essa imagem porque, embora ela não seja tão bonita quanto a outra, o conteúdo acabou sendo mais importante, acabou pesando mais. Falei: a outra imagem (havia umas pessoas tomando sol no Jardim de Luxemburgo) era uma imagem bonita, mas as pessoas não moram ali e precisava mostrar um lugar de moradia. A primeira opção era uma imagem fechada, que mostrava uma rua com prédios típicos de Paris: pessoas passeando com cachorro, uma moça falando ao celular em frente a uma loja. Era para mostrar uma vida de bairro, mas um bairro com poder aquisitivo alto. A segunda mostrava um parque. Em um parque é difícil medir se as pessoas têm um padrão de vida x ou y porque seus frequentadores são de classes sociais distintas. Nesse caso argumentei com ela e acabou ficando a foto mais fechada, que esteticamente não era tão bonita, mas em termos de conteúdo era mais adequada.

Wenceslao: Quando você fala que a foto é mais fechada, o fato de ela ser mais fechada, não sei o que exatamente você está chamando de fechada, mas eu estou imaginando que seja mais fechada porque tem um conjunto de edifícios e a outra era uma abertura maior porque era o bosque.

Eustaquio: É. Tinha prédios, aparecia céu, árvores.

Wenceslao: Mas não é isso que faz ficar, por exemplo, esteticamente mais incômoda do que a outra que é mais aberta, ou seja, a mais aberta normalmente é mais palatável esteticamente?

Eustaquio: Exatamente.

Wenceslao: Então é mais comum a tentativa de pegar fotos mais abertas?

Eustaquio: Sim, fotos panorâmicas. O que no senso comum se chama de paisagem.

Wenceslao: Por isso os grandes planos tão frequentes?

Eustaquio: Exatamente. É mais comum.

Wenceslao: E também as fotos aéreas oblíquas?

Eustaquio: Também.

Wenceslao: Estas perguntas já são resultados de pesquisa da Elaine, por isso já posso dizer: os grandes planos são mais frequentes. Por que já é resultado do que a gente notou: que tem uma tendência pelos grandes planos, sobretudo, da parte urbana.

Eustaquio: Verdade. Acho que há uma clara preocupação, sobretudo do pessoal do editorial, em colocar imagens bonitas. Se deixasse por eles, provavelmente só iriam aparecer as fotos mais bonitas, esteticamente mais bonitas. Isso tem que ser discutido também. Uma foto fechada, pegando uma coisa bem mais pontual, pode ser muito bonita esteticamente, mas é um bonito fora do senso comum. É preciso ter certo apuro estético e certo conhecimento de sombra, de luz, etc., para encontrar uma foto mais fechada, com detalhe... mais bonita. No senso comum, essa ideia de paisagem associada à beleza ou à natureza, é muito forte. Acho que muitos autores e o pessoal dos editoriais, de forma geral, tem esse gosto senso comum. Não esse gosto estético, apurado, técnico. Mas isso é verdadeiro também, creio, para a maioria dos professores e alunos que vão utilizar o livro.

Wenceslao: Quando você fala do editorial, são pessoas que vão buscar em bancos de imagens que são da editora ou são pessoas que pesquisam em bancos de imagens em geral?

Eustaquio: Geral.

Wenceslao: Eu queria que você desse exemplo do que falou: há temas que vêm dez fotos e temas que não vêm nenhuma. Qual tema, por exemplo, que não vêm nenhuma? Houve alguma coisa que você pediu e não conseguiu ou conseguiu apenas uma imagem?

Eustaquio: Um exemplo que aconteceu agora. Eu queria uma foto que mostrasse a reunião do acordo em que foi assinado o Protocolo de Montreal. Não sei por que não conseguiram. Tiveram muita dificuldade em encontrar isso. Outro exemplo: eu queria mostrar algum empreendimento chinês na África. Mostrar que o capital chinês está avançando muito na África (não só na exploração de petróleo, minerais, mas na agricultura também). Queria essa foto e tiveram muita dificuldade de encontrar. Petróleo: queria mostrar alguma empresa chinesa explorando petróleo em Angola. Mandaram um monte de fotos. Eu ia olhar: Total Fina. Mas, isso não é empresa de petróleo chinesa, é

francesa. Acabei escolhendo uma foto do Sudão, porque não precisava ser especificamente Angola, poderia ser de outro país da África, mas precisava ser capital chinês, pois estava falando sobre isso e queria uma imagem para mostrar que os chineses estão avançando na África. Era o conteúdo que estava tratando na unidade de África. Não tinha. De repente, achei um foto que era legal, que era uma foto bonita. De um navio (que não dava para ver nada de petróleo, nem nada de Angola e nem nada de Total também), mas estava na legenda: "Navio da Total Fina (aliás, nem tem mais esse nome, é só Total) em Angola". Uma foto linda, mas não servia! Acabei aprovando uma que mostrava uns três ou quatro homens tentando encaixar uma sonda num campo de exploração de petróleo no Sudão. Dois deles eram sudaneses e dois chineses (ou um chinês), mas dava para ver claramente que tinha trabalhador local, mas trabalhador chinês também. Ficou legal, pois com os homens de macacão ficou evidente que era extração de petróleo. Ficou claro o que eles estavam fazendo ali e também que tinha trabalhadores do país e da China.

Wenceslao: Então, apesar de ter tido poucas opções acabou que a opção que chegou...

Eustaquio: Às vezes acontece isso: vem uma foto e se encaixa direitinho. Agora, se peço, por exemplo, floresta de coníferas, aparece um monte. Floresta tropical aparece um monte, pois é uma coisa mais genérica, pode ser em qualquer lugar, em vários países. Então, é mais fácil.

Wenceslao: Temos uma curiosidade (não sei se está nas perguntas, mas acho que está). Surgiu na última fase da pesquisa da Elaine, quando fomos ver as fotos das cidades e de onde eram elas. Quando você pede uma foto de urbanização, deve vir... Como vêm essas fotos? Notamos que quase não tem (quando tem, em alguma coleção) foto de urbanização que seja na África. É um grande vazio. É como se, pelo conjunto, pelo percurso visual, a África não tivesse cidades. Enquanto existe coleção que tem 30% das fotos que são de São Paulo. Por que isso acontece? É a nossa dúvida.

Eustaquio: É que o banco de dados sobre alguns lugares, algumas cidades, é muito mais vasto. Isso é uma coisa que acontece muito quando viajo pelo Brasil. Os professores dizem: "Poxa, só tem fotos do Sudeste". É que os bancos de dados são concentrados nessa região. Tudo está concentrado aqui. As editoras estão aqui, os autores, a maior parte dos bancos de dados, a maior parte das imagens. Acho que é por isso que acaba havendo essa predominância. Mas a gente tem essa preocupação de diversificar (sempre tivemos essa preocupação, não só em termos nacionais, mas também mundiais).

Inclusive, nessa coleção que estamos fazendo, que terminamos agora, como optamos por uma divisão regional por continentes, tem uma unidade de África. Tem fotos das mais diversas paisagens da África. Acho que, de forma geral, quando a abordagem dos livros é temática, a África aparece pouco. Porque, inclusive, tem pouca coisa, não tem tantas opções de material. Não é só material iconográfico, material de pesquisa mesmo... mas isso está mudando.

Wenceslao: Então isso tem uma relação com a disponibilidade onde se busca?

Eustaquio: Exatamente. Das fontes disponíveis. Isso expressa a própria lógica da globalização. A África é um continente relativamente marginalizado. A própria ideia daquele mapa mentiroso, que induz as pessoas (sempre colocamos um comentário quando usamos essa imagem). Aquele mapa que mostra o planeta iluminado, os pontos de luz no mundo. As pessoas olham aquela imagem, e poucos se dão conta de que o que veem não existe! Aquela imagem é uma invenção, uma ficção. Jamais você vai conseguir ver o planeta inteiro escuro. E a gente coloca: esse mapa é feito com um mosaico de imagens, com imagens de satélite, coletando fotos noturnas, mas isso não é possível, porque a Terra tem sempre uma parte escura e uma parte iluminada. Quando você observa um mapa como esse, fica claro que a África é um continente escuro. Isso já é um indício de que possui pouca infraestrutura necessária para sediar os fluxos da globalização. Isso acabou levando com que o continente fique meio esquecido mesmo. Tem menos informações, tem menos bancos de dados em geral, e acaba aparecendo menos. Mas isso está mudando... Por uma série de razões, o continente está se inserindo mais... Hoje, Angola, por exemplo... Angola é muito interessante, tem um crescimento econômico chinês. Estão crescendo muito agora, na primeira década do século XXI cresceram em média 13% ao ano. O país está se transformando. Imagina um país pequeno como Angola... Um país gigantesco como a China crescendo assim já muda muito, imagina um país menor, na África ainda. Então o país está virando do avesso. Grande transformação... Em grande medida por conta de investimento chinês. Muito investimento brasileiro também, Europeu... mas os chineses estão transformando a África. Muitos vêem isso como um novo imperialismo, mas mudou o papel da África. Continua exportando matéria prima, mas hoje as matérias primas são muito valorizadas, graças à China. Inclusive o Brasil, está tendo um processo de reprimarização da sua pauta de exportação justamente por causa da China. Mas, a China favorece de um lado e prejudica de outro. Favorece as exportações de matérias primas (o que elevou o preço das *commodities*) e ao mesmo tempo impede a industrialização daqueles que não se

industrializaram como é o caso dos africanos, ou até leva a uma desindustrialização como é o caso do próprio Brasil.

Elaine: Você falou do mapa do mundo à noite, da imagem do mundo à noite: nas suas coleções (que você trabalha, escreve) tem fotos noturnas?

Eustaquio: Tem.

Elaine: Em quantidade/comparação...

Eustaquio: Pouco. Se aparece foto noturna, em geral, é porque precisa ser noturna. Interessante isso que você falou, mas quase não vem opção de fotos noturnas, são poucas.

Elaine: Tem algum exemplo que você lembra? O que você acha que deveria ser noturna?

Eustaquio: Bom... meio óbvio, mas enfim... interessante. Era uma foto para trabalhar com fuso horário. Eu coloquei uma foto da final da copa de 2010 na África, e aquela imagem era noturna, porque aconteceu às oito e meia e era noite. É legal, pois coloquei outra foto de Madri, também às oito e meia, que deveria ser sete e meia, só que eles estavam no horário de verão no hemisfério norte, e ficou exatamente no mesmo horário. Só que lá estava de dia... bem legal! Coloquei outra do Rio de Janeiro, que tinha três horas de diferença, eram quatro horas da tarde, e estava de dia também. Enfim... em geral, tirando isso que te falei agora, não tem uma necessidade de ter que ser à noite. Já coloquei foto de cidade... de Osaka... que era de noite, porque estava mais bonita, mais adequada, era para mostrar como vivem as pessoas lá. Difícil mostrar isso numa foto também, não é mesmo? Uma coisa que a gente sempre faz questão de frisar é que foto é sempre parcial. Inclusive nessa coleção a gente fez isso... Teve uma foto que mostrei Buenos Aires. Um monte de prédios ao fundo e uma favelona na frente. A gente levantou a seguinte questão: será que essa foto mostra como vive toda população da Argentina? Ou por outro lado, (essa nem ficou muito boa) eu queria ter posto outra foto que só mostrava pobreza, mas a gente acabou pondo essa, porque a outra não estava boa, também não ficava claro onde era aquilo, podia ser em qualquer lugar onde há pobreza extrema. Mas há outro exemplo da África, que é mais interessante. Coloquei essa foto na abertura de uma unidade... a gente propõe que o professor comece algumas aulas explorando essa imagem. Em algumas aulas dá para usar a foto da abertura para iniciar a aula, explorar a foto como uma introdução. Nesse caso, trabalho com a fundamentação teórico-metodológica do David Ausubel, trabalho muito com o Ausubel e sugiro que o professor

explore a imagem como um organizador prévio. Trabalho também com Vygotsky e com a ideia de levantar o conhecimento prévio, explorando conceitos do cotidiano para introduzir conceitos científicos da Geografia... Enfim... Nesse caso coloquei uma foto de um país da África na abertura, era uma foto mostrando miséria. E aí a gente coloca algumas questões para o aluno observar a foto e pensar em algumas coisas. E uma das coisas que proponho que ele pense é se aquilo representa a África. Porque é muito perigoso, a foto é sempre parcial. Você mostra uma foto com uma miséria desgraçada e o aluno tende a achar que aquilo é "a" África. Ou então o contrário. Isso eu fiz também. Fiz a mesma pergunta. Mostra-se uma foto bonita de algum lugar da Europa e o aluno pensa que aquilo é "a" Europa. E tanto aquela foto de miséria na África não representa a África como um todo (aquilo é parcial) como a foto de alto padrão de vida e de beleza, de maravilha, não representa a Europa. Daí porque, mais para frente, aparece foto de riqueza na África: para o aluno confrontar. Ou foto de miséria na Europa para o aluno confrontar com aquela foto da abertura.

Wenceslao: Você falou uma coisa e me veio exatamente a seguinte sensação: porque não inverter? Pergunta de quem está pesquisando: se o habitual é pensar que a África tem miséria e a Europa tem riqueza, porque não começar com a foto de abertura exatamente com o inverso, de modo a fazer isso que você falou de uma maneira radical? O impacto de inversão daquilo que está no senso comum. Por que a opção do material didático é daquilo que é maioria, que é média, que é em maior quantidade? Por isso pobreza na África e riqueza na Europa?

Eustaquio: É porque a ideia é exatamente usar o que ele traz. Nesse momento eu não quis ser tão radical. O importante é chamar atenção para isso. Pior, e que é mais comum, é colocar isso sem levar o aluno a refletir. Isso vai ser feito depois... Vão aparecer outras imagens e vai ser proposto a confrontação também. Às vezes propomos que os alunos pesquisem... Porque a ideia é usar o senso comum, vai ser feita a pergunta: você acha que isso aí representa...? Muitos vão pensar que sim, que a África é uma miséria desgraçada, mas a ideia é que ele pare e pense que não. O contrário acho que talvez não levasse tanto a reflexão porque confrontaria, romperia de cara com o senso comum, então acho melhor usar o senso comum, que é muito forte, muito arraigado, e propor uma reflexão em cima.

Wenceslao: Uma fratura nesse pensamento?

Eustaquio: Exatamente. Uma coisa mais gradual. Gradualista. Porque isso que você está propondo poderia ser um choque muito grande. Acho que seria...

Wenceslao: É, porque na verdade, são percursos. Como a gente está trabalhando a ideia de que existe uma construção de memória via fotografia, ao colocar uma grande foto na abertura, você não só lida com o senso comum, você o reforça. Então você marca na memória. Depois que passou um tempo, um tempo depois daquele em que o aluno estudou, fez todo esse processo de desmonte do senso comum, fica a força da primeira imagem (ainda mais uma imagem desdobrada, de característica estética forte, ela tem a tendência de se fixar mais na memória do que as outras). E acaba que ela reforça o senso comum... Num período longo, ela acaba reforçando a memória pública. E na hora que você falou eu pensei: "puxa, a ideia dele é exatamente desmontar o senso comum". Porque se você tivesse falado que não era essa a proposta, eu nem teria pensado na possibilidade de inversões. É o campo de pesquisa mesmo que me faz pensar "será que?". Agora, isso a gente não sabe, se o processo acaba sendo reforçado ou não. Demandaria uma pesquisa mais pontual, de conversa com os alunos... e aí não dá para afirmar.

Eustaquio: O que eu acho realmente muito ruim é que tem muito livro que coloca a coisa lá e não questiona, não levanta uma reflexão, não propõe uma reflexão sobre. Teria que medir. É difícil... eu não saberia.

Wenceslao: Não tem um certo e um errado. No nosso caso, sobretudo, é ver o quanto que ao utilizar certos conjuntos de imagens, o que eles têm como potencialidades. Num primeiro momento, a gente não está fazendo pesquisa com os alunos. Só mesmo do conjunto de imagens, e supondo possibilidades de construção de memória.

Eustaquio: E nesse caso é difícil... Como que você vai avaliar isso? Eu não saberia como fazer essa pesquisa.

Wenceslao: Talvez, depois que os alunos passassem por essa unidade (bem trabalhada, por algum professor que de fato entendeu a proposta de vocês, por exemplo). E depois de uns três meses fazer perguntas a partir da África de maneira indireta, de forma a ver se isso de alguma forma...

Eustaquio: Uma coisa meio livre assim. O que te lembra a África?

Wenceslao: Isso. De modo que a memória seja solta, e não direcionada como é normalmente (muitas vezes) na escola. Mas num período que já passou, e não logo em

seguida. Logo em seguida vira prova. E aí vai responder de acordo com o que o professor fez. Mas isso é mais para frente, não é o momento nosso.

Eustaquio: Mas é interessante isso...

Wenceslao: É. Porque isso é muito bacana no invertido. É o papel da universidade na conversa com o que se está produzindo para o mercado. A conversa com os alunos... Que é ver o que está acontecendo para a potencialidade. Às vezes uma coisa que você pensou que realiza um percurso, por conta da questão visual está realizando um percurso que não é o que você pretendeu. Mas isso é suposição.

Elaine: Uma questão que eu queria perguntar também é se as fotos são (foram), se tem alguma foto que foi recortada. Ou se no processo de edição isso acontece ou se pode acontecer algum tipo de alteração na imagem?

Eustaquio: Recorte acontece. Sobretudo quando você tem um espaço lá que é vertical e aparece uma foto horizontal. Em geral, o recorte acontece por isso.

Wenceslao: Por conta da diagramação?

Eustaquio: Da diagramação, exatamente.

Wenceslao: E tem caso de alteração da própria foto? Por que tem que ter qualidade para impressão, não é mesmo?

Eustaquio: Que eu saiba não.

Wenceslao: Se vier já vem da iconografia, não é uma coisa que passa por você...

Eustaquio: Não, a gente não. Nunca fizemos isso. Só recorte mesmo por conta da diagramação.

Wenceslao: A maior parte das fotos (99% delas) estão vinculadas a uma estética documental, mas essas fotos de abertura, você falou que elas têm uma característica mais estética. Isso inclui a possibilidade de produzir, por exemplo, foto montagem ou algum tipo de pós-produção feita, por exemplo, com destaque, maior contraste ou alteração de cor? Ou seja, sair dessa estética mais documental (quando eu falo estética documental é aquela que tenta mimetizar o olhar cotidiano, porque na verdade, basta mudar a lente da foto que você vai ter outra forma que o olho não vê).

Eustaquio: Olha, não sei exatamente. Teria que dar uma checada nisso, mas eu imagino que quando essas fotos são compradas (em geral são de agências de notícias ou bancos

de imagens mesmo, Corbis, por exemplo, ou da Reuters) eu imagino (não tenho certeza) que tem uma questão de direito autoral também. Você tem que reproduzir do jeito que está a foto. Para a alteração eu imagino que teria uma burocracia para justificar isso, porque tem que reproduzir a foto do jeito que ela foi feita por seu autor.

Wenceslao: O que eu tinha pensado é que nos próprios bancos podem ter fotografias mais artísticas, tomadas como produtos da linguagem fotográfica. Estou pensando aqui... Quem? Vamos pensar... Tem um xará seu que se chama Eustaquio Neves, você já viu foto dele?

Eustaquio: Não.

Wenceslao: Ele trabalha sobre a imagem fotográfica. Faz uma imagem final que não é uma, são várias imagens que ele edita e produz uma última imagem com a estética fotográfica, é uma foto, mas é também uma edição onde a estética é parecida com a de um instantâneo fotográfico[4]. Outro, um fotógrafo pernambucano, Alexandre Severo. No ensaio "Sertanejos"[5], ele mostra (revela) para o espectador a estratégia fotográfica. Então, por exemplo, ele tira a foto de um camponês no meio das cabras, mas o guarda chuva refletor da luz aparece na foto. Entendeu? Ele vai contando, nas fotos, que a fotografia é uma linguagem e não uma expressão do real. A tendência dos livros é ter 90% desse apagamento da presença do fotógrafo.

Eustaquio: Sim, exatamente. E aí passa uma ideia de fato. Você olha uma foto de uma paisagem natural (esse é o exemplo mais interessante). Dá uma impressão que aquilo... há uma certa naturalização (não só de fenômenos da natureza, mas de fenômenos sociais também). Há uma naturalização, uma reificação desse processo. Porque quando o aluno vê aquilo, ele tem impressão de que ali só tem natureza... e pra existir aquilo alguém foi lá e fotografou... Então, o homem está no mínimo tirando a foto, e isso acaba sendo diluído. De fato, o que aparece nos livros é a foto como uma tentativa de reproduzir o real de forma fidedigna (como se isso fosse possível, é sempre uma criação, uma recriação, mas passa essa ideia de algo "fidedigno").

Elaine: Mas não se cogita a possibilidade de procurar em outros lugares que não sejam esses bancos que trabalham a fotografia dessa forma mais habitual?

---

[4] Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/brasileiros/eustaquio-neves/> Acesso em: 29 de maio de 2013.

[5] Disponível em: <www.alexandresevero.com.br/index.php?/projetos/sertanejos/> Acesso em: 29 de maio de 2013.

Eustaquio: É porque no caso da Geografia a gente tem que mostrar coisas do real. Então a tentativa de encontrar uma foto mais real possível. Isso talvez faça mais sentido em livros de português, literatura, gramática, sei lá, num livro de línguas... acho que talvez haja mais espaço para ficar discutindo essa questão, esse aspecto. Ou livro de artes, seguramente. No caso da Geografia não, a gente trabalha supostamente com o real.

Wenceslao: É que tem uma coisa... Sabe que tem uma foto que a Elaine escolheu de uma das coleções, que é muito interessante: é uma fotografia da Índia e tem um monte de crianças em cima de tubulações... e tem criança que está olhando para o fotógrafo, tem criança que não. Tem alguns gestos que a gente não sabe se as crianças sabiam que o fotógrafo iria... O fotógrafo avisou? Ou seja, ele é parte do espaço, daquele espaço que foi fotografado. Então, ao ter a busca desse realismo, ao excluir a presença do fotógrafo é como se ele não fizesse parte do espaço. No caso da natureza ele não teria uma direta relação, mas no caso de quando tem gente nas fotos, por exemplo, nessa que você falou do petróleo, dos operários, a presença do fotógrafo altera a situação. Não tem como não alterar. Você colocou uma coisa muito legal que é assim: quando você está escrevendo é o texto que encaminha a foto. É como se a foto viesse com um texto... Você usou a palavra ilustração, mas eu entendi que não é só uma ilustração, que é mais do que uma ilustração. É como se ela fosse um adensamento de uma determinada situação que você quer que a partir dessa síntese imagética, o aluno seja favorecido a voltar naquele assunto. Até pela imagem. Então ele memoriza talvez mais a imagem e depois ele volta para o conjunto do texto. Porque guardar todo o percurso conceitual é mais difícil do que guardar a imagem. Então, por meio daquela imagem vai lembrar que tinha trabalhadores sudaneses e chineses então... volta no texto. Tem um adensamento aí.

Eustaquio: De fato, a imagem acaba vindo a reboque do texto. Isso tem a ver também com o próprio processo de produção. Porque primeiro a gente começa escrevendo o texto e aí vai pensando... mas nesse primeiro momento é uma coisa imaginária. Você imagina... a gente vai pensando assim... chega um momento que você não consegue... Você imagina uma foto, uma situação hipotética na sua cabeça e depois não consegue achar algo que se encaixa. Em geral é isso que acontece mesmo. É junto, claro... Texto e imagem, mas nunca vejo a imagem quando estou escrevendo. Isso é uma coisa estranha. Interessante... não tinha pensado nisso. Porque é óbvio que se estivesse com a imagem eu poderia fazer um texto diferente.

Wenceslao: Nunca aconteceu de você resolver mexer no texto após receber uma imagem?

Eustaquio: Então, o que acontece é que a imagem... no texto.... O processo de produção é fragmentado. Primeiro a gente faz o texto, aí o editorial fecha todo o texto com os buracos.

Wenceslao: Inclusive diagramados?

Eustaquio: Inclusive diagramados.

Elaine: Então você já tem que procurar uma foto dum tamanho X?

Eustaquio: Exatamente. Por isso, às vezes os recortes. Porque no processo de produção editorial, a primeira coisa a se fechar é o texto, é a diagramação do texto. Ficam os buracos para as imagens. E o que eles vão colocar lá (se vai ficar assim ou assado, se vai ficar maior ou menor) é em função da distribuição de conteúdo naquela página. Então não tem essa oportunidade de voltar ao texto em função da imagem. O que faço de acréscimos é na legenda da foto. Claro, também não poderia ser diferente, só posso fazer a legenda quando tenho a imagem. Então, o que posso acrescentar de texto é na legenda da foto. Às vezes faço uma pré-legenda quando já tenho uma ideia, se é uma coisa mais fechada, por exemplo, uma foto mostrando a sede do Banco Mundial... essa foto e só para o aluno ver que existe o Banco Mundial, não dá para explorar muita coisa dela. Então, já faço tudo e no final só coloco a data. Isto é uma informação que a gente sempre põe: a data da foto. Isso é uma exigência do MEC. Porque houve uma época que a gente não colocava. De quando é essa foto? Depois de um certo período a gente começou a colocar. Sempre.

Wenceslao: Parece que tem uma exigência...

Eustaquio: Do PNLD...

Wenceslao: Que é para colocar a data. Porque nos livros de 2006 ainda não tinha essa exigência.

Eustaquio: Era comum as pessoas não colocarem a data, imagina...

Elaine: Inclusive algumas não têm legenda... Sem legenda e sem data.

Eustaquio: Foto sem legenda é o fim da picada. Agora, legenda em gráfico é o fim também. Legenda em gráfico não tem o menor cabimento. Gráfico já é uma coisa para sintetizar. Tem que falar por si próprio. Legenda externa em mapa, também não gosto,

procuro evitar. O mapa é uma comunicação que tem que se bastar. Tem a legenda do próprio mapa... as informações do mapa e a legenda dele, na maioria dos mapas temáticos já tem. Então, procuro evitar. Agora, imagem sem legenda... já vai para outro lado. No mínimo, você tem que dizer é tal lugar em tal data, no mínimo isso.

Elaine: Pensando ainda nessa questão da escolha das imagens, você pensa que talvez elas poderiam ser escolhidas (já que essas imagens são pagas) de acordo com o valor?

Wenceslao: Não sei se você sabe se a escolha feita pela iconografia é mediada pelo custo?

Eustaquio: Olha, já aconteceu de eu escolher uma foto e pedirem para trocar porque era muito cara. Já aconteceu. Nesse último trabalho tudo que escolhi compraram. A não ser que trocaram e não me avisaram (eles não fazem isso, quando vão trocar alguma coisa eles me avisam). Já aconteceu em algum momento. Hoje a gente usa um tipo de FTP, você entra lá e as imagens estão todas disponíveis e não é preciso baixar no computador. Porque o processo foi o seguinte: quando comecei a escrever (e a primeira seleção de imagens eu fiz em 96/97) você ia à editora e eles espalhavam um monte de slides e você ficava olhando com binóculo e escolhendo. O segundo passo foi mandar as imagens por e-mail (em baixa, para não ficar muito pesado). Eu gravava tudo no meu computador e ia olhando aquilo e selecionando, até o penúltimo trabalho que eu fiz era assim, já adiantou muito, facilitou muito. E agora, nesse último livro que acabei de fazer, eles usam esse FTP. Não tem que baixar nada, é mais rápido. Entra lá, analisa a foto, pega o código e cola no arquivo.

Wenceslao: Tudo por código, não é mesmo? Eu vi isso no banco da UNICEF.

Eustaquio: Isso. Quando era feito lá dentro da Editora, até talvez porque tivesse mais contato com as pessoas... De vez em quando eles falavam: "foto da agência tal não escolhe porque eles estão 'enfiando a faca'." E aconteceu, que eu me lembre, pelo menos uma vez de selecionar uma imagem e eles pedirem para trocar porque estava muito cara. Nesse trabalho não aconteceu nenhuma vez isso. Tudo que escolhi, compraram.

Elaine: Mas a única recusa é essa? Ou do tipo: "Nossa, essa foto é muito feia, escolhe outra.".

Eustaquio: Da parte do editorial?

Elaine: É.

Eustaquio: Claro. Isso acontece. Vira e mexe isso acontece. "Escuta, você escolheu essa, mas você não acha que aquela outra é melhor"? Por isso e por aquilo. Às vezes eu troco, mas quase sempre... sou muito criterioso nisso. Porque tem isso: quando eles pedem para trocar, em geral estão pensando no aspecto estético. Naquele caso, da foto de Paris que estava contando a vocês, eu tive que justificar. Que ali o mais importante não era o aspecto estético dessa beleza senso comum. E era uma foto bonita, mas era uma foto que mostrava só uma calçada. Não tinha céu, não tinha aquela coisa de paisagem que normalmente as pessoas esperam ver em foto, mas aí eu argumentei...

Elaine: Outra coisa que eu estava pensando é na quantidade de fotografias. Quando você está escrevendo, você tem ideia de quantas fotos vai usar?

Eustaquio: Não tenho a menor ideia. Vai surgindo em função do trabalho. Nunca faço um planejamento de quantas fotos vou colocar. A rigor, isso não faço com nada, nem com mapa. Eu sei... vou escrever sobre tal tema e aí vou escrevendo e a coisa vai se construindo. Claro, alguns mapas são previsíveis... vou escrever sobre geografia física da África. Lógico, vai ter um mapa de relevo, de vegetação, de hipsometria, hidrografia, mapa eventualmente de placas tectônicas... Algumas coisas estão na cabeça, não coloco no papel. O que coloco no papel são os temas que vou tratar e isso vai sendo construído.

Wenceslao: Você falou uma coisa que eu não tinha pensado... Os mapas eles são.... é como se fosse... tivesse um destino, destino que quero dizer é o seguinte: tem que ter alguns. Você sente que, nesse tempo em que é autor de livro didático, há fotos que se repetem sempre? Ou seja, como os mapas, algumas vêm inevitavelmente, elas têm que vir?

Eustaquio: Por exemplo, essa foto... em qualquer livro didático você vai encontrar uma foto assim. Foto que mostra contraste em cidades, contraste social. Essa é padrão, essa sempre vai ter. Porque... é inevitável, vai tratar da desigualdade social, condição de país em desenvolvimento... sempre vai ter, essa foto é clássica. E há algumas que são recorrentes como aquela foto do prédio aqui no Morumbi que tem as piscinas...

Wenceslao: A do Tuca Vieira[6].

[6] Tuca Vieira. Disponível em <www.tucavieira.com.br/A-foto-da-favela-de-Paraisopolis> Acesso em: 29 de maio de 2013.

Eustaquio: E cada um tem as piscinas e você olha aquela foto aérea... e do lado uma favela (ou comunidade, depende de onde você está). Aí o cara fica na piscina com a vista para a favela (pra quem olha lá do alto aquilo é favela). Essa foto é clássica.

Wenceslao: É uma foto do Tuca Vieira, até guardei o nome do fotógrafo, de tanto que ela aparece.

Eustaquio: Outra foto clássica que aparece em tudo quanto é livro: a da Paulista. Foto da Avenida Paulista no início do século XX, tudo que é livro de Geografia tem.

Wenceslao: Tem uma coisa que a gente conversou, numa reunião de pesquisa… quando a Elaine viu que tinha muitas fotos do mesmo banco ou de um mesmo fotógrafo. Aí a gente viu que estava muito parecido. Depois a gente viu que mesmo de fotógrafos diferentes, o tema puxava um tipo, uma estética de foto. A gente olhou principalmente o cerrado. Independe do livro, a foto que aparece de cerrado é sempre muito parecida, é uma foto mais fechada mostrando o formato da árvore.

Eustaquio: A árvore tortinha...

Wenceslao: A árvore torta... e tal. Ou seja, não tem imagem de grandes planos. Não tem a relação da mistura, de vegetação no meio do cerrado, que é muito frequente. Por que isso acontece? Uma pergunta até indelicada... é como se a gente... quando você escreve primeiro, o destaque é para uma característica da vegetação. Então a forma da gente pensar o cerrado faz com que ocorra aquilo que você falou da cidade, por exemplo, nós pensamos a cidade a partir da desigualdade. Então, consequentemente a foto da desigualdade tem que vir porque o pensamento da escrita conceitual vem também... ele puxa, ele amarrou aí. Essa é uma coisa, mas a outra é o seguinte: porque não mostrar, por exemplo, essa mesma árvore só que vista de baixo para cima ou de cima para baixo. Ela tem um padrão de verticalidade.

Eustaquio: Isso aí acho que faz parte da vulgata. Essa ideia é do Lestegás. Eu acho muito interessante. É um texto que trabalho no meu curso. Todas as disciplinas têm a sua vulgata e a Geografia... até porque, no caso da Geografia a transposição didática é mais complicada: que Geografia acadêmica iria se transpor para o ensino, para a Geografia escolar? Porque quando o Chevallard difunde essa ideia de transposição didática ele está pensando na Matemática e o Lestegás argumenta que na Geografia isso é complicado porque é uma disciplina multiparadigmática. Que Geografia iria se transpor? Então, diante dessa impossibilidade de se ter uma única Geografia, de se ter um paradigma

consolidado em nossa disciplina, fica difícil a transposição. Até mesmo pelo fato da Geografia escolar ter precedido a Geografia acadêmica, forçando a expansão de seu ensino na universidade, ela acaba tendo uma vulgata bastante consolidada. Ela também é uma disciplina antiga nos sistemas de ensino e acabou criando uma vulgata, ou seja, conteúdos que se espera que sejam abordados, que se dê algumas informações. Isso vai criando deformações, erros, mas que todo mundo nem questiona. Há um processo de naturalização. Por exemplo, falar de climograma como ilustração de tipo climático. Isso é uma abstração, não tem cabimento: pegar média de temperatura e umidade e achar que aquilo é representativo de um tipo climático. Ainda que se fizesse média não faz sentido aquilo, pois um climograma mostra um ponto, e no limite cada pluviômetro mostra um climograma diferente. São as tais das vulgatas e aí cria-se essa imagem. E isso vale pra tudo, seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista natural: que a África só tem pobreza, que o cerrado tem árvore tortinha, que a caatinga é seca e toda cheia de espinho, quando não é verdade, na caatinga há caatingas. Mas é difícil trabalhar isso com o aluno. No começo como você vai mostrar? Você pode dar uns toques abrir umas portas pra dizer que não é assim. Mas também não dá para mostrar toda a diversidade da caatinga e do cerrado, não tem jeito, tem que mostrar o que é possível e mostrar alguma coisa que seja padrão e a partir daí tentar mostrar que há outras possibilidades, que não há essa homogeneidade. Que a caatinga não é sempre daquele jeito da foto, assim como a África inteira não é só pobreza, que a caatinga não é só aquela carinha que apareceu na foto. Porque aí é recorrente, vira vulgata, né?

Wenceslao: Então é como se você dissesse o seguinte, você como autor é tão capturado pela vulgata como os outros. Este é um universo mais genérico. Essa padronização não é uma regulamentação do governo, é um dado de cultura.

Eustaquio: Não, o governo não legisla nada. O governo é totalmente aberto. Tanto é verdade que se vocês avaliarem as coleções que são aprovadas, elas são completamente diferentes. O governo não consegue criar um currículo nacional. Não consegue via documentos. Há tentativas. Hoje o governo tem claramente investido no sentido de criar um currículo nacional, no Ensino Médio, via avaliação final que é o ENEM. Mas ainda assim é difícil porque ficam boicotando, não se consegue ter um espraiamento necessário pra virar de fato uma referência, em termos de avaliação, pra daí condicionar a montante o currículo. E o livro didático? Muita gente na universidade critica, diz que os autores impõem os conteúdos. A gente não impõe nada.

Tentei fazer uma coleção imaginando que (naquele momento acreditava no poder do livro didático) podia contribuir pra renovação do ensino de geografia. Num primeiro momento ela até foi bem, foi bastante adotada. Era a época em que a avaliação do governo colocava estrelas, não sei você se lembra disso. No começo havia três estrelas, duas e uma: muito bom, bom e regular, algo assim. Mas tinha as tais estrelas e esse livro recebeu duas estrelas na época em que isso foi criado. Os livros três estrelas eram os mais adotados, o professor se orientava pelo guia, ele se influenciava pelo guia. Aí o livro bem avaliado, três estrelas, o professor adotava. Em pouco tempo os professores perceberam que era melhor fugir dos três estrelas porque eram livros mais bem elaborados e davam mais trabalho. Eram as obras que tentavam fugir da vulgata de cada disciplina. E aí, a primeira versão, pegando esse último momento das tais estrelas, foi um grande sucesso, vendeu bastante. Na segunda despencou. Isso aconteceu em várias disciplinas. Eu tenho amigos que são autores de matemática, os livros deles tiveram num PNLD (não sei se foi o segundo ou terceiro) as únicas três estrelas do mercado de todas as disciplinas. Vendeu muito! No outro PNLD despencou violentamente. O nosso também porque a gente rompeu completamente com a vulgata. Rompemos principalmente com a distribuição de conteúdos.

Wenceslao: Você lembra o ano dessa edição? Depois vocês tiveram que fazer uma reaproximação da vulgata?

Eustaquio: Nós fizemos um absurdo, uma concessão absurda que até tenho vergonha de falar, mas havia uma pressão tão grande dos professores que criamos um Frankstein. A vulgata na Geografia é a seguinte: Cartografia e Geografia Física na 5ª série (6º ano agora); Brasil e suas regiões no 7º ano; depois se a divisão for entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, são os subdesenvolvidos no 8º e no 9º, os desenvolvidos. A outra possibilidade: se é uma divisão regional, por continentes, a América é abordada no 8º ano e os outros, no volume final. Então a gente fez um negócio louco (na primeira edição): a agente começou lá na antiga 5ª série com todos os temas mais importantes da Geografia: aparecia a Cartografia, aparecia a Geografia Física, Urbana, Agrária... para o aluno ter uma noção da natureza, dos mapas, do campo, da cidade, mas tudo numa linguagem bastante introdutória, entendeu? O aluno tinha uma panorâmica. Aí na 6ª série retomava aquilo com uma ênfase maior em Brasil, com uma ênfase maior na construção histórica do processo. Começamos a colocar mapas antigos e mapas atuais, paisagem antiga e paisagem atual, cidade antiga e cidade atual e depois na 7ª série voltava em Brasil... era Geografia e cidadania tentando destacar esse aspecto

socioespacial que é bastante desprezado. E finalmente na 8ª série era Geografia Geral, mas por temas. A coisa que mais chocava o professor é que na 7ª série (8º ano hoje) entrava Brasil e não América. Então, a pergunta que eu mais respondia pelo Brasil afora: "por que você não colocou América na 7ª serie?". Aí eu tinha que justificar tudo... Aquilo me saturou tanto que resolvi colocar América. Fizemos uma reformulação e colocamos América. Aí a gente não só não contentou aqueles que não gostavam do livro, pois já os tínhamos perdido mesmo, como descontentou aqueles que gostavam do livro e que acharam um absurdo o que fizemos. E com razão, né? Porque aquilo não tinha nada a ver com a estrutura do livro.

Wenceslao: Você não lembra? Porque seria interessante pra gente olhar essa primeira edição, essa primeira edição em que vocês deliberadamente buscaram escapar da vulgata. No nosso caso, o que a gente vai olhar é como é que foi o escape da vulgata nas imagens ou você acha que não aconteceu, que as imagens acabaram se preservando... quando você fez o Frankstein as imagens não sofreram tanta alteração?

Eustaquio: Acaba sofrendo porque a própria ideia de abordagem tradicional a foto é meio ilustrativa e acabou sendo uma coisa meio rápida, que não dava para aprofundar muito e... enfim, a gente não pensou muito por aí, mas pela própria dinâmica da construção da abordagem acaba sendo diferente porque no outro as fotos todas estavam encaixadas e em muitos casos havia uma exploração da imagem.

Wenceslao: Então, você se lembra da data?

Eustaquio: Início de 2000. Essa coisa da vulgata, isso é forte. É tão difícil renovar, até porque a universidade não contribui para isso. Essa experiência de dar aulas na Faculdade de Educação da USP tem sido muito rica por isso também. Porque aí você começa a ver que são mundos muitos separados, mesmo na Faculdade de Educação. Tenho a impressão de que muitas pessoas estão mais preocupados em publicar artigos nas revistas nacionais e internacionais A do que com os alunos, com a formação do professor e a educação básica. Paradoxalmente, me parece que a educação (a formação do professor) não é a tarefa mais importante na Faculdade de Educação. Por isso que os alunos se sentem assim... abandonados... eles vêm reclamar. Eu sempre pensei: "ah, os alunos da Geografia não dão bola para a Educação", pois comigo foi assim, eu não dava bola, e aí, como professor, do outro lado, num primeiro momento, senti isso também. Depois, me aproximando dos alunos comecei a perceber que eles se sentem abandonados lá. Tanto é verdade que na universidade se você é um grande professor, se

preocupa com os alunos, mas não publica, você está condenado. O mais importante no fim das contas não é a aula. Evidente que você tem que fazer tudo perfeito, mas em termos de pontuação... nem tem como pontuar ser um bom professor, nem tem como avaliar isso, não há mecanismos.

Wenceslao: Esse foi um dos pontos quando o avaliador do MEC foi na Faculdade de Educação da Unicamp há dois anos. A gente comentou um pouco sobre a questão da publicação valorizada do Qualis A e do internacional porque muitas vezes o diálogo que você está estabelecendo no campo da educação é com quem está bem próximo, portanto, você tem que publicar numa revista que não tem nem qualificação acadêmica, no entanto, o impacto dela, em termos de possibilidade de conversa com essas características do ensino, da educação ou da gestão escolar, seria mais significativo do que na conversa com os demais pesquisadores e que nós teríamos, portanto, que ter desdobramentos tanto numa coisa quanto noutra. Os avaliadores reconhecem isso, mas é muito difícil pautar uma coisa dessas num esquema de uma estrutura geral de avaliação como é a CAPES.

Eustaquio: É uma estrutura muito grande e a gente não dá conta do todo. Essa padronização é problemática porque tem especificidades e na Educação a maior especificidade é que é uma área eminentemente práxica e se isso não é valorizado fica difícil.

Veja o caso do livro didático, apesar de sua importância na educação básica, não é considerado como publicação, ou seja, não conta ponto nenhum, mesmo numa faculdade de educação. Aliás, quando entrei aqui na FEUSP passei a valorizar mais os livros didáticos, esses livros são muito importantes! Comecei a dar mais valor ao livro didático. Eu mesmo, no final das contas, pensava: será que o que estou fazendo é legal? É sensacional, sensacional! Aí eu tenho que ficar defendendo o livro didático na universidade. Fui a um debate no Departamento de Geografia da USP e uma professora de lá começou a detonar o livro didático... e eu tinha ido lá com meus alunos porque o evento era sobre ensino de Geografia. O pessoal de lá faz um evento e não avisa a gente da Educação. Uma coisa que interessa pra todo mundo... e caiu bem no dia em que eu dava aula, então questionei os alunos: escuta é um debate interessante? Vocês querem participar? E aí o que fazemos? Resolvemos suspender a aula e ir ao evento. Eu estava interessado em ver a discussão deles, fui como espectador, tinha acabado de entrar na FEUSP. Fiquei quieto no meu canto, só ouvindo, quando de repente a professora

começou a desancar o livro didático. Ela estava insuflando os alunos contra o livro didático, então, tive que me contrapor. Era um discurso baseado em preconceito.

Wenceslao: A maior parte das vezes que eu vejo criticarem o livro didático colocam o professor que o utiliza numa condição tão medíocre… A crítica é: "o livro didático direciona". Não direciona nada, ele dá um caminho, traça um percurso, mas o professor pode fazer daquilo o que quiser. Eu, quando dava aula no Ensino Médio, por exemplo, e a escola exigia que tivesse livro didático (eu normalmente não gostava; quando dava aula eu gostava de trabalhar com recorte de jornal, achava que era mais dinâmico pros alunos), mas eu invertia a ordem dos capítulos. Se achava que o percurso tinha que ser de outra forma, mexia com a ordem dos capítulos, invertia... não tinha problema nenhum, o livro é só um caminho bacana e de preferência se o professor inverte ele enriquece o livro, porque o aluno vê tanto a perspectiva que o autores traçaram, de construção de conhecimento, quanto outra, que atravessa a original. Porque o livro não vai mudar de forma porque eu resolvi trabalhar com o capítulo quatro em vez do capitulo um. Então o aluno vai ver que tem uma forma de pensar aqui que eu pensei que poderia ser de outra forma. A possibilidade de desmonte de um livro didático é gigantesca porque o professor dentro de sala de aula, de maneira geral, é muito autônomo, tirando os sistemas apostilados de alta vigilância.

Eustaquio: Pois é, no final, foi exatamente isso que eu falei pra ela depois de fazer uma argumentação, inclusive pontuando o fato de que a universidade tem uma visão elitista da relação com a Geografia Escolar e pensa que os professores tem que beber só na fonte da produção acadêmica. É aquela visão...clássica... é na verdade um erro histórico, porque tem muita gente que acredita que a Geografia Acadêmica veio primeiro. Está cheio de gente que não conhece a história do desenvolvimento da Geografia escolar e acha que ela vive da universidade.

Wenceslao: E no caso brasileiro é o inverso.

Eustaquio: Não só no brasileiro, no caso francês, no caso inglês, no caso alemão... No primeiro semestre, no começo do curso, eu tenho discutido exatamente isso. Trazendo textos para discutir o desenvolvimento da Geografia Escolar: peguei o Reino Unido, a Alemanha e o Brasil. Então isso é um desprezo, há um desprezo na universidade em relação ao professor da escola básica que supostamente não tem produção nenhuma. O que ele faz não é considerado e isso ocorre também em relação ao livro didático, afinal o livro é uma produção da Geografia Escolar. E aqui na universidade se despreza isso. E

nos documentos oficiais também. Uma visão claramente elitista com relação a isso. Fiz lá toda uma linha de argumentação para desmontar o argumento que ela estava usando e no final questionei: "Você tira o livro, ótimo, o que põe no lugar? Eu te digo o que vai entrar no lugar, vai entrar a apostila, que não passa por nenhuma avaliação". Aliás, mesmo na rede pública do Estado de São Paulo já existe sistemas de ensino apostilados. "Vai entrar a apostila ou você acha que vai tirar o livro e não vai ficar nada no lugar"? A questão é: os professores estarão preparados pra dar aula sem o livro? Se você andar pelo Brasil afora verá que a maioria dos professores não consegue dar aula sem o livro didático e não por incompetência deles, mas porque não conseguem preparar as aulas por falta de tempo, eles dão muitas aulas.

Wenceslao: E tem a vulgata, não é mesmo? Isso aí amarra... Eu gostava de trabalhar sem o livro didático porque eu vinha de área de pesquisa com imagem, e estruturava todo o programa a partir de filmes. Mas os temas eram os mesmos. Tinha selecionado filmes para serem articuladores de qualquer coisa que convergisse pra dentro do percurso de escolarização (uma escola não topou, viu? Falaram: "está muito bacana, mas faça o contrário: traga os filmes, mas junto com o livro". Era uma escola privada).

Eustaquio: Se não tiver livro a família já vai estranhar... tem um monte de mecanismos constrangedores. Agora, uma coisa que eu percebia, mesmo na palestra, na dinâmica que eu estava fazendo com os professores. Eles pegavam o livro e só de folhear diziam: "olhe que legal isso, aqui eu vou fazer assim". O professor já reinterpretou tudo e fez uma abordagem muito diferente, de um jeito que eu não tinha pensado. Uma coisa que eu descobri nesses anos é o seguinte: há muitos professores que usam o livro melhor do que eu mesmo usaria na sala de aula. É louco isso, porque você faz o livro, mas o fato de fazer o livro e pensar naquilo não quer dizer que você vá usá-lo bem... Claro, você usa do jeito que pensou, mas aí os professores reinterpretam, veem outras possibilidades. Conseguem trabalhar de um jeito próprio...

Wenceslao: Você tem algum exemplo disso que está falando que partiu das imagens? Ou seja, que esse professor extrapolou aquilo que você imaginou, mas que foi pelas imagens? Eu estou tentando voltar para o campo de pesquisa da Elaine (que é meu também) porque isso tudo que você está falando tem uma importância muito significativa pra gente. Porque a imagem está dentro de uma estrutura de produção, que isso é o que a gente sacou. Porque como eu era marinheiro de primeira viagem e não tinha um estofo de estudo sobre o livro didático, não passou pela minha cabeça inicialmente que existe

toda uma estrutura de produção que mediava toda...como você começou dizendo... está dentro de um processo de produção e esse processo de produção, o texto, a diagramação, antecedem a imagem.

Eustaquio: A imagem tem que se encaixar ali...

Wenceslao: Ela está submetida.

Eustaquio: Não só em termos de forma, mas certamente em termos de conteúdo também, porque você pensa primeiro o texto depois a imagem e não o contrário.

Wenceslao: Justamente por isso. Não sei se isso e verdadeiro ou não, mas na hora de pensar a imagem acaba que... com todo esse cuidado que tem com o texto você nem consegue ter com a imagem, porque você recebe a pesquisa feita por outro. Você tem um nível de escolha que é muito menor.

Eustaquio: Você escolhe a partir daquelas opções que te ofereceram.

Wenceslao: De qualquer forma, tem algum caso a despeito dessa menor possibilidade de inovar, de desestruturar a vulgata da imagem. Porque ela é mediada por um grupo de pessoas que está aí, mas próximo de uma estética do senso comum e tudo mais. Tem algum caso que você lembra, de um professor que a partir de uma imagem conseguiu dar um caminho distinto?

Eustaquio: Teve um caso, mas não estou conseguindo lembrar o que foi. Que o professor sacou uma coisa e já começou a trabalhar... na época nem tinha essa preocupação de colocar uma imagem de abertura que também servisse, que fosse explorada, que fosse ponto de partida, mas eu me lembro de um caso assim que o professor "pirou" com a imagem e eu "nem tinha pensado nisso."

Elaine: Tem alguma imagem nos seus livros que seja sua, de sua autoria?

Eustaquio: Agora não tem mais, mas já teve.

Eustaquio: Houve dois casos. No primeiro caso eu queria mostrar uma cena do Meridiano de Greenwich. Alguém pisando com um pé no hemisfério leste outro no hemisfério oeste (é uma foto clássica). Ao tratar de Meridiano de Greenwich, latitude, longitude, é legal mostrar isso. Eu queria uma foto de um turista lá (uma foto banal de turista) brincando de pôr um pé no leste e outro no oeste. Poxa, não veio uma foto adequada, nenhuma. Tinha uma foto lá que era assim: o Vladimir Putin pulando o Meridiano de Greenwich. Aparecia o Putin e uns caras que pareciam ser seguranças dele,

nem a linha aparecia, eu só sabia porque estava escrito na legenda. Aí vieram umas fotos nada a ver e falei: "não é possível, tenho uma foto dessa, estive lá e tirei uma foto" . Então manda a sua porque a gente não está achando. Mandei e acabou entrando (a foto era ridícula).

Wenceslao: Era sua?

Eustaquio: Sim, eu estou lá.

Wenceslao: Ah, além de a foto ser sua era você que estava na foto?

Eustaquio: Sim estava, mas foi uma namorada que tirou a foto. Isso também acabou criando um problema porque na avaliação não pode haver nada que identifique o autor, mas foi engraçado, foi piada durante muito tempo e aí a gente não colocou o crédito na foto (senão iria denunciar). Essa foi uma. A outra, eu precisava mostrar uma barca no rio Reno transportando alguma mercadoria. Eu descrevi a foto e não vinha nenhuma que prestasse, não vinha nenhuma boa. Falei: "tenho uma foto que eu tirei lá". Nesses dois casos, quando pedi já tinha a imagem na minha cabeça de forma muito clara porque eu tinha tirado. Esse foi um processo diferente também.

Wenceslao: A imagem veio antes.

Eustaquio: Exatamente. Uma coisa é você imaginar… Nesse caso não, eu tinha a imagem, sabia exatamente o que ia mostrar. Talvez por isso foi difícil encontrar, também porque nenhuma parecia com a minha, que para mim era sempre a melhor, tanto que acabou entrando.

Wenceslao: Isso aí eu entenderia como o seguinte, para nós: é porque o conhecimento foi feito via imagem, não foi um conhecimento conceitual, que você leu, foi da experiência.

Eustaquio: É.

Wenceslao: E da experiência enquanto fotógrafo, da potencialidade da foto de capturar um determinado conteúdo, um recorte da vida.

Eustaquio: Se bem que nesse caso também é uma coisa muito especifica, não é? Uma foto de uma pessoa com um pé no leste e outro no oeste em Greenwich? E a outra também: uma barca no Reno? Agora, recentemente eu escolhi uma foto sobre o Reno também e vieram muitas opções. Não sei se os bancos de imagens... Bom, seguramente, porque antes era mais difícil fazer pesquisa, hoje, com a internet, é muito mais fácil, tem

um monte de opções. Antes era mais difícil. Imagina na época em que a gente ficava olhando diapositivos... como se fazia pesquisa? Era tudo coisa física, a gente vivia num mundo de átomos, hoje a gente vive num mundo de bits. Então, facilitou muito, mesmo para gente fazer a...

Wenceslao: A diversidade é maior?

Eustaquio: Exato. Hoje peço uma foto de barca no Reno, vêm dezenas, um monte de foto. Você pode escolher a mais bonita. Voltando naquilo que vocês perguntaram. Indústria na Alemanha, precisava de uma foto, nossa, veio um monte de foto, uma melhor que a outra. Muito diversificada, muita opção. Dei dois exemplos que entraram mais por falta de opção.

Elaine: Tem alguma imagem que mudaria, que você não gosta ou que gostaria de incluir?

Eustaquio: Ah, seguramente tem, mas nada que tenha sido marcante. Porque de forma geral, enfim, diria que de forma bastante predominante, escolho a melhor, a que gosto mais, porque fico totalmente a vontade. Só se eventualmente... uma coisa, isso acontecia muito, mas agora a gente tem evitado. Nas edições antigas, umas fotos pequenas, prensadas, no cantinho, isso a gente mudou. O que mais acontecia era isso: "Essa foto está muito pequena, não está valorizando", mas isso tem mudado, a gente tem procurado colocar foto de melhor qualidade e também maior. Houve claramente um aumento de espaço para as imagens nos livros. Os livros estão mais imagéticos.

Wenceslao: Tem alguma regulamentação do governo pra imagem? De tanto a tanto?

Eustaquio: Não, nada.

Wenceslao: Achei que poderia ter uma regulamentação: tem que ter tantas fotos num livro de 6º ano.

Eustaquio: Não tem.

Wenceslao: Tem que ter ilustração, tem que ter imagem num sentido geral?

Eustaquio: O que se cobra é o seguinte: ilustração que esteja inserida, mas não número.

Elaine: Pelo que eu vi do PNLD é mais a nitidez, não é?

Eustaquio: É. Precisa ter qualidade. Cobram muito isso. Qualidade gráfica. Mas aí não só de imagem, mas de mapas, da diagramação do texto, tamanho do título se é para criança, essas coisas.

Wenceslao: Por isso que, inclusive, deve ser até difícil usar foto da gente. Porque a gente não tira foto pra ser impressa, não tem definição suficiente.

Eustaquio: Isso que você está falando faz sentido, porque essa foto que eu tirei, hoje acho que nem daria pra aproveitar, porque era uma maquininha sem vergonha e era uma foto pequenininha, nada igual às fotos bonitas como temos hoje.

Elaine: Tem fotos repetidas?

Eustaquio: A mesma foto?

Elaine: A mesma foto (recortada ou mudado o contraste)?

Eustaquio: Tem quando é deliberado. Por exemplo, no livro antigo tinha isso e acabei usando essa ideia de novo. Eu coloco uma foto na abertura e proponho que se faça uma descrição da foto. Só que essa primeira descrição que o aluno vai fazer é com base em seu conhecimento prévio. É um capítulo que discute paisagem. Coloco uma foto e o aluno vai fazer uma descrição daquilo. Logicamente ele vai fazer uma descrição com base nos conceitos cotidianos que ele tem, a começar pelo conceito cotidiano de paisagem. Aí o professor desenvolve o tema do capítulo e no final aparece aquela foto de novo para ele descrever já sabendo algumas... tendo conhecimentos científicos. Já tem uma ideia do conceito científico de paisagem, tem uma ideia do que é elemento cultural, elemento natural e tal, já pode explorar melhor a imagem. Quando aparece repetido é deliberado, normalmente a gente não repete, pode repetir temas, né? Isso acontece de um livro para o outro. Favela em Bangalore, favela na Índia... aparece no capítulo de urbana e no capitulo de Ásia, mas não é a mesma foto.

Wenceslao: Tem esse cuidado, de que não seja a mesma imagem. Exatamente pra cuidar da diversidade, um outro ângulo, uma outra forma?

Eustaquio: Exatamente.

Elaine: Você sabe se tem alguma diferença de editora para editora, se varia essa liberdade, essa maneira de escolher as imagens?

Eustaquio: Não sei.

Wenceslao: Você sempre foi autor da mesma editora?

Eustaquio: Sim. Nunca conversei com meus colegas da geografia sobre isso.

Elaine: Na escolha, você acha que tem (ou imagina) que tenha uma predileção por fotógrafos mais ou menos conhecidos, por brasileiros, ou tanto faz?

Eustaquio: Para mim isso nunca foi um critério. Eu escolho dentre as opções que me oferecem.

Wenceslao: O critério que você apontou pra gente todo o tempo foi o conteúdo. O critério não é o nome do fotógrafo, nem o estético. E esse conteúdo é o tributário do texto, como se o texto fosse o critério.

Eustaquio: O texto que pede, verdade. Por exemplo, tem uma foto que coloquei do Burtynsky. Conhece esse fotógrafo?

Wenceslao: Não.

Eustaquio: É um fotografo canadense e ele fez uma sequencia de imagens (que virou uma exposição que rodou o mundo) chamada paisagens transformadas[7]. Então ele mostra a transformação da paisagem por conta da indústria. Aí eu usei uma imagem dele.

Wenceslao: Você pediu que fosse dele. Você conhecia as imagens. É outro processo.

Eustaquio: Exatamente.

Wenceslao: Via de regra você dá uma descrição de um tema e vêm as imagens, mas tem caso então de você fazer a escolha?

Eustaquio: É. Nesse caso pedi fotos desse fotógrafo e me ofereceram opções só dele. Isso é coisa mais rara, normalmente é o conteúdo do desenvolvimento do tema que vai pedindo a foto. A foto realmente é tributária do texto.

Wenceslao: Eustaquio, tem alguma curiosidade que você se lembre, de alguma foto ou de outro tipo de imagem que você gostaria de falar pra gente? Dar um toque, porque no fundo é um caminho de reflexão que pelo que eu estou entendendo está em terceiro lugar de prioridade: tem o texto, tem a diagramação e tem a imagem. A gente está aqui.

Eustaquio: Isso aí que você está falando é no processo todo porque o livro é feito de forma fragmentada, mas isso para mim não é verdade. Porque a diagramação não é prioridade minha, é prioridade do editorial. Então, no meu caso, é texto e foto. A diagramação atravessa, mas não é uma questão minha. Depois, na hora de fechar tudo... eles pegam o texto, diagramam e depois tem que inserir as fotos...

---

[7] Ver algumas imagens desta exposição, que está publicada em livro e inspirou um filme, no site oficial de E. Burtynsky: <www.edwardburtynsky.com/> Acesso em: 29 de maio de 2013.

Wenceslao: Mas a diagramação é feita em função das suas próprias indicações?

Eustaquio: Sim.

Wenceslao: A diagramação não antecede, por exemplo, você pede assim: nesse conteúdo eu quero uma foto disso, disso e disso e eles vão pensar a diagramação já dentro daquilo ali. Então é o contrário, a diagramação entra em terceiro lugar. Eu tinha entendido que existia um padrão de diagramação, como se fosse uma revista...

Eustaquio: Não, até porque cada livro tem um padrão de diagramação. O que acontece é que às vezes a foto pode entrar e sair em função da diagramação. Às vezes, o pessoal da arte está diagramando e na hora de fechar uma página fica um buraco. Aí você pode colocar uma foto lá. Claro que você vai procurar uma foto que tem a ver com aquele conteúdo que se encaixe ali, mas às vezes não acontece. Acontece também de cortar a foto, pois é o que sacrifica menos. Às vezes tem estouro de página e de repente some uma foto. Ou eu não tinha pedido uma foto e na diagramação entrou para fechar a página. Acontece isso também.

Wenceslao: Tem uma regulamentação de que não pode ter buracos grandes, quando é para o Estado?

Eustaquio: É uma questão estética antes de mais nada. Agora, o que você tinha perguntado antes. Tem uma coisa que não é foto, mas imagem, mas acaba sendo foto porque é reprodução da imagem, que eu pus para trabalhar com ideia de espaço e paisagem. Porque eu proponho uma atividade, proponho uma analogia entre aquela imagem e a realidade que o aluno pode observar (a paisagem observada, o real, que claro, é sempre uma construção individual), mas o ponto de partida é o real, não é uma imagem nem nada. Eu pego aquela imagem como ponto de partida. Eu fiz isso várias vezes, é muito legal. É uma imagem do Escher que mostra uma poça... ("A poça de água"[8] é o titulo da imagem). Aparece uma poça d'água e aparece marca de pneu de carro, de bicicleta, pegadas. É uma imagem muito legal, seguramente você conhece, mas não está lembrando. É muito louco, porque muita gente não consegue entender direito aquilo... então ela cria um... como toda boa arte, ela cria um desequilíbrio, um desconforto e o aluno vai tentando entender e tal. E tem uma lua lá ou um sol que ninguém vê, só um ou outro vê, mas já aconteceu de ninguém ver, então eu falo: "e a

[8] Disponível no website oficial de M. C. Escher. Disponível em: <www.mcescher.com>. Acesso em: 29 maio 2013.

lua?" Aí alguém acha que é sol. A ideia... a analogia que proponho é que quando você observa a paisagem não vê tudo, não consegue detectar todas as coisas que estão no espaço geográfico só a partir da observação da paisagem . Eu uso isso como uma analogia, um ponto de partida para discutir essa questão. É muito legal, sempre gera uma discussão.

Wenceslao: E por que você nunca pensou, por exemplo, isso aí é uma imagem deliberadamente artística. Existem muitas fotos que são deliberadamente artísticas que tem essa pretensão de realizar aquilo que o Escher propõe. Mas não é muito frequente, é quase infrequente que estas fotos apareçam em livros didáticos. Eu, por exemplo, nunca vi.

Eustaquio: Por exemplo?

Wenceslao: Como, por exemplo, aquelas que eu falei do seu xará Eustaquio Neves. Que é uma edição. E elas são infrequentes, mas elas promovem uma distinção de pensamento a partir de um determinado assunto ou de uma determinada perspectiva, às vezes conceitual ou da própria realidade ou do próprio mundo visível (pra não chamar de realidade propriamente, mas de um mundo visível). Por que não usar também, mas aí é curiosidade minha. Você já até me respondeu isso, estou é insistindo: por que não lançar mão de fotógrafos que lidam com a fotografia como arte? Uns que trabalham com pós-produção, outros que trabalham com a produção do espaço... Não sei se você conhece algum que antes de fotografar, eles vão lá e produzem o lugar a ser fotografado, a cena, colocando nela algum "elemento estranho". Aí você começa a ver que a foto tem toda uma característica da estética do instantâneo fotográfico da vida corrente, ou seja, de nenhuma intervenção do fotógrafo, mas a intervenção que o fotografo faz não é nem a presença dele. Ele atua na roteirização do fato, só que como o fato é roteirizado nas proximidades do cotidiano, você demora pra ver. É uma brincadeira fotográfica no fundo bem parecida até com essa coisa do Escher. Mas isso não é feito via fotografia, você puxa para a uma arte que é o desenho ou pintura. Mas a fotografia é deixada num lugar de expressão do real. Como se a linguagem fotográfica fosse isso e aí a nossa preocupação, entendeu? Porque aí você vai construindo (no livro didático ou em qualquer obra humana) tanto o lugar na linguagem quanto ela vai construindo o conteúdo que a linguagem de alguma forma expressa. Ao ter fotografia só num plano de expressão do real, como se o próprio real estivesse ali disponível, a fotografia vai sendo localizada nesse lugar de leitura. Quando você falou "isso é mais fácil fazer num livro de Língua ou

de Arte" e tudo mais, você deixou isso bastante claro pra gente. Mas fiquei pensando agora, com esse exemplo do Escher, quem sabe um experimento com a fotografia...

Eustaquio: Você está falando e eu pensando... A conclusão a que eu chego é a seguinte: a geografia é muito careta para incorporar essas coisas... a vulgata é...

Wenceslao: Sabe que a gente nem tinha pensado nisso, né? Foi muito bacana você ter trazido isso.

Eustaquio: Isso que estou te falando eu consegui colocar naquele outro livro. E aí a gente procurou trabalhar muito com fotografia. Não que nesse livro novo, que é mais preso à vulgata, a gente não tenha procurado fazer a mesma coisa, mas a margem de manobra se reduz muito. No outro não, a gente trabalhava melhor mesmo com foto, com outras expressões artísticas em termos de imagem (com pintura), com poesia, com canção. Era um livro nesse sentido mais interessante, só que... talvez se a gente não tivesse rompido tanto com a vulgata... é isso que fico pensando e não vou conseguir responder porque o livro vai morrer... mas se a gente não tivesse rompido tanto, se a gente tivesse colocado... acho que o problema maior foi o da 7ª série... Se não tivesse colocado Brasil na 7ª serie, talvez esse livro pudesse ser mais adotado. Ele é usado nas melhores escolas, um livro super bem avaliado, todas as inscrições que nós fizemos no MEC o livro foi sempre muito bem avaliado. Mas aí entra naquela lógica, embora não tenha mais as estrelas, mas os livros mais bem avaliados são aqueles que vendem menos, pelo menos no Ensino Fundamental (no Médio isso não e verdade).

Wenceslao: Você sabe que na disciplina de História acontece a mesma coisa. Recentemente estava numa apresentação que fiz junto com uma pesquisadora da área de ensino de História e ela disse o seguinte: "os livros que mais inovam em termos de proposições de percursos curriculares são os livros que vendem menos". Então, traduzindo em miúdos, é o que você apontou da questão da vulgata. Isso também é verdadeiro para a História. E essa é uma disciplina escolar que já teve uma alteração bastante grande, significativa (até antes da Geografia) e que é uma área de conhecimento mais dinâmica em termos disso; que saiu da versão linear da História e passou para a Historia temática. Mas mesmo assim, quando tem muita variação da vulgata (de alguma vulgata) o livro não vende.

Eustaquio: Se aparecer como inovador muitos professores não adotam porque vai dar muito trabalho.

Wenceslao: Mas você falou uma coisa que nas melhores escolas eles são adotados. O que é isso? Como você relaciona isso? É a formação do professor?

Eustaquio: Com certeza, o professor que quer fazer algo diferente, que não gosta dessa coisa mais quadrada…

Wenceslao: ...Que notou que a vulgata é insuficiente para o mundo de hoje?

Eustaquio: É interessante. Está vendo como o livro tem pouco poder de conformação dos professores?! O professor... ele já era assim e aí ele encontrou... inclusive a gente cogitou manter o livro só pra não deixar órfãos os professores que não se identificam com livros tradicionais que estão no mercado. Então, não é que esse livro formou um professor. Imagina, ele já era assim, aí viu e falou "pô, que legal, esse livro aqui dá pra eu usar, se encaixa no meu perfil" e o outro, no extremo oposto, vende mais porque o professor fala "é isso que eu quero fazer"... pode ser até que isso reforce, mas não adianta, o mercado editorial... (e eu dei esse exemplo concreto) pode até fazer a tentativa de condicionar, mas não é o mercado editorial que condiciona, é outra coisa... e não é a universidade também.

Wenceslao: É quase a novela das oito? Você está falando uma coisa e eu estou visualizando o "efeito da média" de padronização, que faz com que algo não possa dar um passo longo demais porque a "média" restringe. Quem está falando isso da vulgata da novela das oito desloca pro horário das dez horas os programas mais alternativos. Isso se dá mesmo numa rede que tem força suficiente pra poder alterar o padrão estético, da assistência audiovisual, da linguagem audiovisual...

Eustaquio: Exatamente. Claro que uma coisa alimenta a outra. Muita gente fala: "ah, o livro condiciona", ou no extremo oposto: "o livro não condiciona nada, ele só dá resposta"... Creio que não é assim também, é uma troca, se retroalimenta. Mas eu acho que no fim das contas a Globo faz o que a população espera... assim como os autores fazem o que o professor espera. E a capacidade de interferência aí existe, mas tem que se relativizar. Os autores não têm todo esse poder. Nem a Globo tem todo esse poder.

Wenceslao: No primeiro movimento do PNLD, dos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental, tinha uma preocupação muito forte do livro didático na potencialidade da formação de professores. Porque como eles não eram professores especialistas, essa parte da formação conceitual da Historia e da Geografia (eram livros de Estudos Sociais) era muito marcada. No caso do 6º ano pra diante isso já não tinha porque parte-se do

princípio que o professor já chega com essa formação conceitual, o livro é um diálogo. Para os primeiros anos era muito forte, muito marcado pelo reconhecimento da potencialidade do livro didático de fazer aquilo que é essa formação conceitual do professor; quase que se daria junto, ao mesmo tempo que com as crianças.

Eustaquio: O MEC ainda acredita muito nisso até hoje. Tanto que eles valorizam muito o manual pedagógico, o manual do professor. Eles acreditam que esse material pode ajudar na formação dos professores. Mas a maior parte dos professores nem olha. E a gente faz um esforço de colocar textos, tem toda uma bibliografia comentada, trechos de alguns textos-chave... mas não é esse o papel do livro didático, tem que melhorar a formação, o curso de formação de professores.

Wenceslao: O livro didático faria um tapa buraco?

Eustaquio: Outra coisa interessante, na discussão sobre livros didáticos. Discutindo com meus alunos da FEUSP, eu disse: "olha, é o seguinte, pra gente saber se o livro é bom ou não, se dá pra tirar ou não, primeiro os professores têm que estar preparados para dar aula sem o livro, aí sim a gente vai chegar à conclusão de que pode tirar o livro". No entanto, em países como a França, na qual os professores têm boa formação, o livro didático está lá até hoje. Nos Estados Unidos, na Inglaterra... tem livro didático. Por que ficar demonizando o livro didático? Eu me irrito com essa visão elitista e quando vi isso na própria universidade, no curso de formação de professores, gente demonizando o livro didático baseado em preconceito… Aliás, o que mais me irrita na universidade é algumas pessoas ficarem lá fazendo discurso com base em "achismos". Isso não e ciência é ideologia. Tudo bem que nas Ciências Humanas é mais difícil separar ciência e ideologia, mas tem que ter a busca da verdade como princípio (ainda que uma verdade sujeita a questionamentos e sempre provisória), tem que ter método. Agora, não se pode fazer coisas baseado em "achismos", sem ir lá e descobrir exatamente o que é aquilo. Isso é absurdo, é discurso ideológico, não poderia na universidade.

Wenceslao: Eustaquio, muito obrigado.

Recebido em 02 de setembro de 2013.

Aceito para publicação em 28 de novembro de 2013.